

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

Origem de varias locuções adagios e anexins

Casa de Gonçalo...

Um proverbio na sua origem não foi senão uma simples afirmação, a expressão pura d'uma imagem mythica; com o tempo, o mytho foi esquecido, mas a expressão subsistiu; pareceu então que ella se applicava a alguma cousa de extravagante, e foi acompanhada de um ar interrogativo, indicando duvida; o proverbio serviu desde então para referir uma cousa impossivel e torna-se um instrumento de ironia. Por este modo, muitos proverbios que tomaram um sentido satyrico, não deviam ser na sua origem senão phrases mythicas affirmativas. Eis um anexim, apresentado no *Espelho de casados*, em que uma phrase mythica affirmativa consigna a subordinação da vida conjugal: «Tambem d'aqui veio que se disse a *ho moyinho* ou a *ho mar*: que se foram casados não andaram tanto.» Temos o caso em que se esquece a phrase mythica, e fica o sentido ironico: do anexim *Casa de Gonçalo* eis uma anedocta da sua applicação: Tendo fugido a mulher ao poeta brasileiro Gregorio de Mattos, do seculo XVII, disse elle que a tornaria a receber com a condição seguinte: «E todos os

filhos que tiver, charmar-se-hão *Gonçalos*, pois a minha casa è uma casa de *Gonçalo*».

Aqui o sentido ironico estava implicito na parte mythica do anexim já obliterado.

Casa de Gonçalo,

Onde pode mais a gallinha que o gallo.

Para quem cantou o cuco?

Dá-se como origem d'este anexim a seguinte velha anedocta:

«Dois visinhos ouviram cantar o cuco e tomaram como agouro que era signal de infidelidade de suas mulheres.

Disse um:

—O cuco cantou mas foi para ti.

—Nada, isso não pode ser. Para ti é que elle cantou.

Pegam de telmar e como nenhum cedia resolveram ir consultar um letrado. Chegaram lá; o letrado ouviu-os, e depois de botar a livreria abaixo disse.

—Deposite cada um dois pintos, antes de tudo.

Os visinhos entregaram o dinheiro ao letrado, anciosos de ouvirem a sua sorte; e depois que elle meteu os pintos na algibeira, fingiu um semblante triste, e disse:

Vão-se embora na paz do Senhor, porque para mim è que cantou o cuco.

**Santa Barbara! S. Jeronymo!
S. Braz!**

Um dos maiores poderes magicos nos cultos da Chaldêa è o *nome secreto* do deus; elle domina todos os males, afasta todos os terrores. Entre os povos semitas propagou-se esta crença, è o *Schem* a propriedade divina immanente no proprio nome, que se conserva secreto ou não pronunciado, como o de Jehová entre os Judeus. Diz Lenormant; «Todos sabem que desenvolvimento a crença no nome todo poderoso e occulto do deus teve entre os judeus talmudistas e cabalistas, e quanto è geral entre os arabes. Nós hoje vemos d'uma maneira positiva que essa crença veio da Chaldêa.»

Em um povo em que preponderou a influencia e cultura arabe, e em que o elemento mauresco provocou a revivencia do typo iberico primitivo, comprehende-se a conservação da crença na virtude dos nomes. Para o povo, invocar *Santa Barbara! S. Jeronimo!* livra das trovoadas: *S. Braz!* livra de morrer engasgado. *Vendo-se* desfilar um meteoro, diz-se: *Senhora da Guia!* E quando se tem uma agonia, um susto, grita-se por *Jesus!*

A *nomina* resulta da crença no poder do nome, o qual se traz escripto em uma bolsinha ao pescoço.

Desanda cacheira!

Tem a sua origem esta locução n'um conto popular, de que vem uma versão a fl. 120, vol. I, dos *Contos Tradicionaes do Povo Portuguez*, do sr. Theophilo Bra-

ga.

Cahiu-me na minha catulinha

Tambem a origem d'esta locução se encontra n'um conto popular, de que o sr. Theophilo Braga publicou uma versão, a fl. 192 do acima indicado volume.

Março marçagão, cura meadas e esteiras não

Tem a sua origem este anexim no seguinte conto popular:

«Era uma vez um homem que casou com uma mulher desmazzada, e depois dizia o homem:

—Oh mulher, tu não fias? tu não trabalhas?

—E' um dia santo muito grande, não se póde hoje trabalhar.

Ao outro dia elle perguntou o mesmo, e ella o mesmo respondeu, e elle disse assim:

—Deixa que ahi vem o Março Marçagão que elle t'o dirá.

—E eu pego n'umas poucas de esteiras e boto-as no primeiro de Março a córar.

—Elle não quer esteiras, quer meadas.

O marido na vespera do primeiro de Março pegou n'um capote muito velho, cobriu-se para fingir um velho muito corcovado, e a mulher pela manhã cedo levantou-se e foi pôr muitas esteiras a córar; e elle appareceu-lhe ali em velho e disse assim:

—Essas são as meadas que tu tens para córar?

—São.

—Então teu marido não te dizia? Espera que eu te fallo.

Pêga n'um pão, bateu, bateu até não poder mais e deixou-a por morta. Assim que ella se

pode erguer foi para casa. A primeira cousa foi comprar roca e fiar.

Depois já dizia o homem:

—Então era o que eu te dizia ou não?

Março Marçagão, cura méadas esteiras não».

Quem o feio ama bonito lhe parece

A barata sahiu debaixo d'umas pedras com os filhos e disse-lhes em quanto elles ainda pequenos estavam ao sol:

Passeae, flores! passeae, flores!

D'aqui vem o dictado: Quem o feio ama, bonito lhe parece. (Theophilo Braga. Contos Traditionaes do Povo Portuguez, vol. II, pag. 171).

D'aquellas sete ao dia

Tem a sua origem esta locução n'um conto popular, de que vem uma versão na parte 1.^a dos *Contos de Historia de Proveito e Exemplo* de Gonçalo Fernandes Trancoso.

O que Deus faz é pelo melhor

Parece ter a sua origem este adagio tambem n'um conto popular, publicado por Trancoso na parte 2.^a da obra acima citada.

MAIAS

A proposito das festas das Maias respigamos no «Portugal Antigo e Moderno» o seguinte curioso artigo:

«Usadas em Portugal, e ainda em

nosso dias eram objecto de grande respeito no Algarve.

São, com toda a probabilidade, herdadas dos romanos.

Vi eu mesmo as *festas das maias* em Tavira, Castro Marim, Villa Real de Santo Antonio e outras povoações do Algarve.

Faziam-se do modo seguinte:

Escolhia-se uma rapariga de dez a doze annos, das mais bonitas do sitio. Enfeitava-se com um vestido branco, joias, fitas e flores, e se collocava em um throno florido, construido em uma sala ao rez da rua. Era a *maia*.

Em frente da casa onde ella estava, havia um mastro, coberto de murta e flores, em roda do qual se dançava todo o dia, ao som de qualquer instrumento (às vezes até mesmo de uma philarmonica, mais ou menos horripilante) e era um dia de divertimento e alegria.

Esta festa tinha logar no dia 1.^o de maio de cada anno.

Não era só em uma parte que tinha logar a festa. Todas as ruas queriam ter a sua *maia*, e andavam *á compita*, qual d'ellas seria mais bonita e mais luxuosamente vestida, e em qual das festas haveria maior e melhor concorrência e sumptuosidade; o que às vezes dava causa a conflictos e desordens.

Ha alguns annos que o governo prohibiu a *festa das maias*.

*

* *

Ainda a proposito das *Maias*, escreveu o nosso immortal Camillo a seguinte graciosa e humoristica passagem:

—O poeta, quero dizer, o que faz da sua vida de dois ou tres annos chronica em verso, é como o figurão que no dia 1.^o de maio passeia as ruas de algumas villas de Traz-os-Montes, vestido de giestas floridas de amarello e branco, cantando «as maias» diante das adufas de rotulos, por onde a louçã moci-

nha da casa, lisonjeada nas trevas, lhe atrai a moeda de cobre.

Ao declinar do sol, o florido «maior» despe as viçosas ramagens com sofrega impaciência, chama a contas o thesoureiro das dadas e joga com elle o murre, na hypothese quasi sempre justa de que elle cumpriu indignamente o seu mandato. Liquidado o producto das trovas e das cortezias ramalhudas, o festeiro do mez das flores, funde os vintens escassos n'uma bodega, e faz das giestas vassouras com que mimosea a mãe.

O casamento indigena

Quando qualquer cavalheiro cubica uma rapariguinha de doze annos de idade por deante, dirige-se á familia; dá-lhe um presente, e offerece outro á donzella que pretende requestar.

O valôr do presente está na ordem directa das posses do individuo que lh'o quer offerecer.

Se ella o acceita, é signal evidente que corresponde ao affecto que lhe é dedicado, e por consequencia fica desde logo obrigada ao individuo que a requestou.

Se o não acceita tambem não esmorece o abrasado *Adonis*, visto ter entrado no periodo d'alta galanteria bafejada pelas settas de Cupido; antes vae tentar sua conquista n'outra paragem aonde confiadamente possa vel-a coroada de bom exito, devido à reciprocidade dos desejos e liberdade dos costumes...

Seja porém o casamento com quem fôr, no dia immediato no noivado, vae a familia cumprimentar os *nubentes* e recolhendo as roupas brancas da noiva para comprovar a sua pureza, vem para fóra fazer estendal exultando d'esse *acontecimento* por via de batuques e da bebida do costume!...

Mas, se a despeito do que se espera, não ha motivos para o tal estendal, fica tudo meditabundo, sombrio e triste como se tivera havido morte ou outra não somenos infelicidade: d'onde se vê e conclue, que esta gente tambem aprecia a honra do casamento, embora celebrado por meios differentes dos da civilisada Europa.

Nunca cessaremos pois de dizer, alto e bom som para quem nos quizer ouvir, que o espirito d'esta gente é magnifico; assim houvesse, da parte de quem pôde, o verdadeiro empenho de educar convenientemente por via do internato para ambos os sexos.

S. Thomé.

Julio Velloso.

Superstições populares

Quando na beira do telhado de uma casa ha ninhos de andorinhas e alguém os desmancha é signal de que se desmancha a casa, porque o ninho de andorinha é sagrado e traz felicidade á casa onde está.

—
A primeira segunda feira de abril e a primeira de novembro são os dois dias mais aziagos do anno.

—
E' muito mau torcer linhas nas sextas feiras da quaresma.

—
Quem canta antes de almoço, não chega ao sol posto.

—
Quando uma vacca está a berrar, as pessoas solteiras devem logo metter a mão na algebeira, que é para casarem cedo.

—
Não se deve deitar agua fóra, depois que toca às Ave Marias, porque pôde dar algum ar mau na agua e fazer mal á pessoa que se lavou n'ella.